



A DISPUTA PELO LEGADO DO MEGAEVENTO ESPORTIVO COPA DO MUNDO FIFA 2014 EM ITAQUERA- SP

Jaqueline Flória Baumgaertner ¹

RESUMO

A realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil fez emergir uma série de estudos sobre produção do espaço e turismo e a participação dos megaeventos no planejamento urbano. O planejamento do espaço voltado para a realização da Copa do Mundo FIFA reorientou a prática social das cidades sedes e aprofundou as segregações já existentes. Assim, este trabalho volta-se a analisar o discurso acerca dos legados sobreposto ao processo de constituição do espaço urbano ligado a megaeventos a partir do estudo de caso do bairro de Itaquera, São Paulo. A partir da perspectiva neoliberal do planejamento estratégico aplicado nas cidades, buscamos compreender a produção do espaço na cidade-sede São Paulo, do ponto de vista das decisões públicas e da percepção da população local. Esse trabalho se apoia em uma extensa revisão bibliográfica, trabalho de campo e entrevistas com os moradores da região, a fim de investigar como o papel do discurso de legado e se de fato ele se realiza.

Palavras-chave: Itaquera; Legado, Megaevento esportivo, Cidade, Urbano.

ABSTRACT

The 2014 FIFA World Cup in Brazil gave rise to a series of studies on the production of space and tourism and the participation of mega-events in urban planning. The planning of the space aimed at hosting the FIFA World Cup reoriented the social practice of the host cities and deepened the existing segregations. Therefore, this work aims to analyze the discourse about legacies superimposed on the process of constitution of urban space linked to mega-events based on the case study of the Itaquera neighborhood, São Paulo. From the neoliberal perspective of strategic planning applied in cities, we seek to understand the production of space in the host city of São Paulo, from the point of view of public decisions and the perception of the local population. This work is based on an extensive bibliographical review, fieldwork and interviews with residents of the region, in order to investigate the role of legacy discourse and whether it is in fact realized.

Keywords: Itaquera, Legacy, Sports Mega event, City, Urban.

INTRODUÇÃO

A partir dos anos 1990, as cidades passaram a disputar os fluxos de capitais financeiros, a partir das renovações urbanas. Para que este processo de requalificação de bairros obsoletos pudesse ser legitimado, ele passou a ser associado à realização de grandes eventos, sobretudo os esportivos, que eram popularmente aceitos. Os megaeventos são considerados marcos da modernidade capazes de integrar interesses corporativos e voltados à indústria de construção

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo - USP, jbaumgaertner@usp.br;



civil com aqueles de governos em relação ao desenvolvimento urbano e imagem nacional (TAVARES, 2011).

Assim, ao redor de um grande estádio, de um pavilhão de exposições, começaram a ser erguidos centros de negócios, bairros de alto padrão etc. Operações casadas em que governantes e investidores saíam ganhando, com a vantagem do apoio popular. (FERREIRA, 2014, p. 09).

A realização do megaevento, então, está ligada a uma atividade estratégica de reprodução do capital através do espaço geográfico, especialmente o espaço urbano. Ao promover um megaevento, vende-se a ideia de que as cidades sedes serão mais conhecidas, atraindo turistas, investimentos e novos eventos (VAINER, 2014). Assim, as cidades ocupam um papel importante no processo de acumulação de capital associado à indústria do turismo, de forma que os megaeventos e as obras de infraestrutura a ele associadas caminham de forma a garantir a adequação das cidades às novas exigências do capitalismo mundial. Neste decurso, observamos o efeito da valorização imobiliária e aumento do preço do solo, em geral muito acima da renda dos moradores, levando a processos de expropriação e expulsão da população dos lugares escolhidos para a construção das estruturas que sediaram o megaevento. Assim, a preparação de um país para um megaevento se mostra como um

[...] teste não para a etapa civilizatória, mas sim teste para ser um player global nos circuitos mercantis e financeiros internacionais. Coisas nada civilizadas ocorrem quando um país se prepara para esse tipo de evento, no campo dos direitos humanos. O processo civilizatório significaria, entre outras coisas, o fortalecimento da proteção dos direitos humanos e não uma desmontagem. (ROLNIK, 2012, p. 09).

A realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil envolveu um processo de requalificação do espaço urbano, onde capitais internacionais “especializados” no urbanismo do espetáculo se reuniram, utilizando como álibi os megaeventos esportivos, culturais e tecnológicos, a fim de lucrar por meio do endividamento, especulação imobiliária e gentrificação de áreas específicas da cidade (MARICATO, 2014). Esse processo encontra apoio na construção de um discurso de legado para as cidades-sedes, o qual coloca a dilapidação do fundo público e a realização de projetos incompletos como benéficos a longo prazo para toda a população.

Em São Paulo, a Copa do Mundo teve seu epicentro no bairro de Itaquera, realizando a oportunidade ideal de reprodução do capital através da construção civil e de obras de revitalização urbana. Em Itaquera, a construção da Neo Química Arena e as reformas das vias de circulação e do terminal de ônibus marcaram a vida dos moradores durante e após a Copa. Entretanto, o espaço que para uns se apresentava como lugar da reprodução da vida e do cotidiano, para outros foi alvo da especulação urbana, de investimentos públicos e privados e palco de um dos maiores eventos esportivos internacionais.



A partir de uma revisão bibliográfica e de dados coletados em trabalho de campo foi possível compreender nuances de como se dá a disputa dos legados espaciais. O que fica depois de quase uma década na qual as transformações começaram a acontecer de forma acelerada no bairro? O que se alterou na reprodução da vida cotidiana e qual o papel do legado da Copa neste processo? Este trabalho se propõe analisar de modo crítico as transformações espaciais impulsionadas pela Copa do Mundo FIFA 2014 no bairro de Itaquera, de modo a compreender o processo de produção do espaço urbano no contexto neoliberal.

METODOLOGIA

Para a compreensão das transformações espaciais impulsionadas pela Copa do Mundo FIFA 2014 no bairro de Itaquera, foi realizado um extenso levantamento bibliográfico seguindo os eixos: produção do espaço; neoliberalismo urbano; megaeventos esportivos; Copa do Mundo FIFA 2014; produção do espaço em Itaquera; legado da Copa. Além disso, foram realizados dois trabalhos de campo, um campo de aproximação no entorno do estádio, em Itaquera, e posteriormente um trabalho de campo esquematizado com um morador da região que se colocou a disposição para apontar as alterações espaciais e sociais, vistas no espaço e guardadas em sua memória. Após a atividade de campo foi possível analisar as implicações da realização do megaevento esportivo no bairro de Itaquera, sob a ótica do legado.

REFERENCIAL TEÓRICO

A escolha de São Paulo para a realização da abertura da Copa do Mundo, diz respeito à sua importância global e às estratégias territoriais para que a cidade adquirisse maior visibilidade e reafirmação de sua centralidade na rede urbana nacional. A cidade de São Paulo, assim como as outras cidades-sedes de abertura das edições anteriores da Copa, como Chicago (1994), Paris (1998), Seul (2002), Munique (2006) e Johannesburgo (2010), é a cidade com o maior PIB do país, sendo o centro financeiro e econômico (FRONCILLO E ALMEIDA, 2013). Além disso, todas essas cidades têm em comum o aspecto da diversidade de sua população, recebendo turistas a todo o momento. A escolha das cidades-sede e dos bairros onde a Copa se realizaria convergiu para um movimento político de reordenamento territorial e *marketing* urbano (RAMOS, 2019).

Diante dos impedimentos à realização da abertura da Copa do Mundo no estádio Cícero Pompeu de Toledo - Morumbi -, o Sport Club Corinthians anuncia um acordo com a construtora



Odebrecht para a construção do seu estádio, no bairro de Itaquera, Zona Leste de São Paulo.

Para além da oportunidade da construção de um estádio para o Corinthians, o argumento para a realização dos jogos em Itaquera por ser a região que concentra o maior número de moradores de São Paulo e apresenta déficits de investimentos (D'ANDREA, 2013).

O anúncio foi realizado em setembro de 2010, data de comemoração do centenário do clube, onde “Inicialmente o orçamento seria de R\$ 335 milhões, com financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que reservara uma linha de crédito para as obras da Copa do Mundo” (FRONCILLO E ALMEIDA, 2013). Assim, o

estádio, a Arena de Itaquera, localizado no bairro de mesmo nome na zona leste do município, está sendo construído pelo Sport Club Corinthians, clube paulista cuja segunda maior torcida do país clama a anos por uma ‘casa própria’, de forma que sua construção alia interesses em diversas escalas, envolvendo os responsáveis pelo Mundial e pela gestão do clube, além de contar com o maciço apoio de sua torcida graças ao apelo popular do time (GEISE, 2013, p. 1-2).

A partir da decisão de que um novo estádio seria construído em Itaquera para sediar o megaevento em 2014, planejamentos e promessas urbanísticas começaram a ser feitas, pautando-se no discurso de legado. O discurso do legado deixado pela Copa garantiu o apoio de diversas frentes da sociedade no gasto exorbitante e nas medidas de exceção adotadas durante a execução do evento. A estimativa do governo, dos organizadores e dos idealizadores do estádio era de que o evento traria melhorias diretamente nos setores de infraestrutura, imobiliário e econômico (FRONCILLO E ALMEIDA, 2013).

O discurso do legado justifica a maciça participação pública para a realização de megaeventos, que no caso do Brasil apela ao orgulho nacional do país do futebol, da hospitalidade e da festa, deixando promessas vazias e planos descompromissados que não encaram as questões mais urgentes que assolam o país, que sofre com uma brutal desigualdade social (GEISE, 2013, p. 2).

Com o anúncio da Copa do Mundo, o bairro de Itaquera, até então marginalizado e retrato de uma periferia autoconstruída (AZEVEDO, 1945; DAMIANI, 1993; OLIVEIRA, 2016), ganha uma nova perspectiva. Itaquera passa a atrair com mais êxito os interesses do mercado imobiliário e as disputas pelo espaço mudaram de forma e escala, provocando alterações profundas na paisagem urbana e na dinâmica socioespacial. Juntamente às novas formas de reprodução do capital, a perspectiva de sediar um megaevento resgata a autoestima da população local e torna-se forte elemento de manipulação ideológica (GEISE, 2013).

O torcedor merecia um estádio próximo de sua residência, levando em conta que a zona leste é um reduto de corintianos. O fato de o Corinthians mandar partidas de futebol no Morumbi ou no Pacaembu só referendava a segregação socioespacial a que está submetido o morador/torcedor da zona leste. Definitivamente, o Pacaembu não fica próximo dessa população. A questão principal é a forma como o estádio do Corinthians em Itaquera está sendo imposto. [...] A partir dessa costura, setores



desejosos de que o Brasil sedie os jogos, principalmente pelos ganhos financeiros decorrentes, passaram a ter o apoio acrítico de um importante ator no cenário futebolístico – a torcida do Corinthians – e de um ator social cada vez mais importante: o morador da zona leste (D'ANDREA, 2012).

Assim, a intensificação do debate sobre megaeventos traz consigo a discussão sobre os legados destes eventos, uma vez que os megaeventos esportivos são entendidos como um meio de desenvolvimento acelerado para o país sede (CURI, 2013). Os megaeventos apresentam

grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da sociedade anfitriã (HALL, 2006, p. 59).

Para além da utilidade econômica, os megaeventos são lugar de troca de informações e afirmação de *status* e identidade, e, por isso, seu legado é algo complexo que não pode ser resumido em dados fiscais e econômicos. Portanto,

em face dos altos custos diretos e indiretos para sua realização e do potencial de impacto, qualquer que seja ele, de um megaevento na região onde ele é realizado, a idéia de legado, ou seja, dos benefícios gerados em contraposição aos custos necessários, ocupa lugar central nesta discussão (TAVARES, 2011, p. 19).

A captação de eventos se tornou importante instrumento na geração de fluxo de turistas para as cidades, bem como na captação de investimentos. Os legados e efeitos dos megaeventos são amplamente difundidos pelos gestores públicos e pelas empresas em prol de resultados positivos, porém é preciso considerar que estes legados dependem do banimento de políticas públicas, através da realização do estado de exceção, da eliminação de conflito aparente e das condições do exercício da cidadania (RAMOS, 2017).

A partir de uma revisão da literatura é possível elencar os principais legados esperados na realização de um megaevento, seja na fase de candidatura do evento ou do evento em si. A **Tabela 01** tenta reunir alguns tipos de legados citados, a fim de direcionar o olhar para Itaquera no entendimento do cumprimento ou não destes legados.

Tabela 01: Tipos de legados esperados dos megaeventos esportivos

Classes	Legados esperados
O evento em si	construções esportivas: estádios, arenas e outros equipamentos
	construções de infraestrutura da cidade, como obras de transporte, alojamento de atletas, expansão da rede hoteleira
	compras de equipamentos esportivos, de segurança, telecomunicações, informática
	ocupações de empregos temporários e/ou permanentes
	abertura de novas possibilidades e oportunidades de trabalho

	especializado
	promoção e realização de outros eventos
	aumento da procura de práticas de atividades físicas por parte de população
	saberes e conhecimentos adquiridos
Candidatura do evento	aprendizado do processo de candidatura como, projetos, o processo em si e a organização prévia do evento
	planejamento urbanístico da cidade-candidata que poderá ser utilizado pelo Poder Público, independente da realização do evento
Legados da Imagem do Brasil	projeção da imagem do país
	projeção da imagem da cidade-sede dentro e fora do país, considerada como cultura urbana
	projeção de oportunidades econômicas e de serviços que o país poderá oferecer
	nacionalismo e confiança cívica, bem como orgulho regional e nacional
Legados de governança	planejamento participativo, visando melhoria da qualidade de vida da população
	cooperação de diferentes órgãos administrativos
	parceria público-privada
	liderança do poder público local

Fonte: TAVARES (2011); MATIAS (2011); TOLEDO, GRIX E BEGA (2015). Org.: da autora.

Como pode-se observar pela **Tabela 01** há uma deficiência na constatação de *legados negativos*. A palavra *legado* está constantemente associada a possíveis valores positivos deixados pelos megaeventos, o que nos faz recorrer à distinção entre ‘legados’ e ‘impactos’ descrita por Preuss (2007), a fim de acomodar também o debate de possíveis efeitos negativos na realização de um megaevento (**Tabela 02**).

Tabela 02: Impactos

Tipo de Impacto	Positivo	Negativo
Físico/ambiental	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de novas estruturas • Preservação do patrimônio • Promoção ambiental 	<ul style="list-style-type: none"> • Prejuízos ecológicos • Mudanças em processos naturais • Poluição arquitetônica



	<ul style="list-style-type: none"> • Impactos esportivos 	<ul style="list-style-type: none"> • Destruição do patrimônio • Superlotação • Estruturas não utilizadas (elefantes brancos)
Social/cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento no nível permanente de interesse local e participação e tipos de atividades relacionadas ao evento • Fortalecimento de valores e tradições regionais • Diminuição local do crime • Aburguesamento • Movimento voluntário mais forte 	<ul style="list-style-type: none"> • Comercialização de atividades que eram livres • Potencial aumento do crime • Mudanças na estrutura da comunidade • Aburguesamento • Deslocamento social
Psicológico	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento do orgulho nacional/local e do espírito de comunidade • Aumento da consciência ecológica • Nacionalismo saudável (identificação) • Atmosfera festiva durante o evento 	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência a atitudes defensivas tratando da região sede • Choque cultural • Manipulação comercial
Político/administrativo	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento do reconhecimento internacional da região • Desenvolvimento de habilidades entre planejadores, políticos e outros • Entendimento internacional 	<ul style="list-style-type: none"> • Exploração econômica da população local / legitimar decisões impopulares • Distorção da real natureza do evento para refletir valores das elites • Inabilidade em atingir os objetivos • Aumento nos custos administrativos • Corrupção

Fonte: PREUSS (2007, p. 23).

Refletir sobre a realização da Copa do Mundo FIFA 2014 em Itaquera é se deparar inúmeras vezes com a contradição entre os discursos dos órgãos oficiais e dos empreendedores responsáveis pelos investimentos na construção civil e a percepção da população, dos Comitês Populares e da produção acadêmica. O discurso neoliberal cativa e encontra meios de se materializar no espaço, cria-se uma tensão na cidade onde os interesses populares são colocados

de lado a favor de um melhor aproveitamento especulativo do espaço público. Neste sentido, é importante refletir sobre o legado do megaevento esportivo e os impactos vivenciados pela população local, para além de uma análise de perdas e ganhos financeiros.

Desse modo, a contribuição de Preuss (2007) nos auxilia a compreender as transformações espaciais e o processo de produção do espaço urbano em Itaquera de modo crítico. Se por um lado, a realização do megaevento fomentou a economia do país, principalmente no que diz respeito ao setor da construção civil, por outro, sua justificativa parece não poder se pautar em legados para a população. No tópico a seguir serão apresentados os dados empíricos desse processo, a fim de refletir quais os legados ou impactos sentidos no bairro até os dias atuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o anúncio de que Itaquera sediará, em 2014, a abertura do mundial, o plano inicial elencou, para além da construção da Arena, melhorias nas avenidas que cercam o estádio, Radial Leste e Jacu Pêssego, no metrô e na linha de trem, além da diminuição da criminalidade. No setor econômico se esperava uma maior geração de empregos, aumento do PIB e do potencial de consumo. A Prefeitura do Município de São Paulo, juntamente com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU) e a Assessoria Técnica de Operação Urbana (ATOU), desenvolveram, e publicaram em setembro de 2012, as diretrizes de projeto urbanístico para a realização do Pólo Institucional Itaquera.

Vale ressaltar que quando o Polo Institucional Itaquera foi projetado, a construção da Neo Química Arena já havia começado, bem como outras obras de apoio seguindo as exigências da FIFA para a realização da Copa do Mundo em 2014. Ainda assim, o projeto se dedica a planejar a execução do estádio e do entorno, uma vez que a presença da Arena reforça a centralidade da região sudoeste de Itaquera, que mantém estreitos laços com a região central da cidade através das vias de circulação e principalmente do metrô.

Embora algumas das obras já tivessem sido planejadas em anos anteriores, como a Operação Urbana Rio Verde-Jacu, em 2004, apenas com as obras da copa já iniciadas estas obras recebem atenção e interesse do mercado imobiliário, uma vez que se concretizam condições mais favoráveis para a reprodução do capital (NOBRE, 2016). As obras de mobilidade apresentam caráter contraditório, uma vez que o estádio se localiza a menos de um quilômetro de distância da estação do metrô e do terminal de ônibus, o que favorece a utilização do transporte público. Porém, as obras se voltam para a locomoção por automóveis particulares,



em um bairro em que este não é o principal meio de locomoção da população. Segundo a Pesquisa Origem e Destino de 2007, realizada pelo Metrô, das 900 mil viagens produzidas diariamente na subprefeitura de Itaquera, apenas 196 mil são feitas de carro.

Não só a construção do estádio, mas também de outras obras, como a construção do Parque Linear Rio Verde, ameaçaram o direito à moradia de diversas famílias, mobilizando a população local e a comunidade acadêmica a questionarem a viabilidade de todos os empreendimentos e investimentos realizados e o discurso de legado que os acompanhou. Desse modo, entende-se que todo o serviço realizado em função da Copa possuía um caráter pontual e comercial, de forma que os aparelhos que passaram a existir na região dizem respeito mais a complexos viários e centros comerciais, aliados a construção de condomínios residenciais destinados à classe média baixa capitaneados por empresas de habitação privadas (MARANGONI, 2017).

De fato, o estádio poderia fazer parte de um projeto realmente sério de desenvolvimento da região, que beneficiasse os moradores também enquanto habitantes da cidade e trabalhadores, e não só em sua face torcedora. O problema do estádio é ele servir como catalisador de apoio a uma Copa que está longe de ser em benefício das classes populares. Pelo contrário, o evento referenda o processo social de apagamento do passado operário e nordestino do bairro de Itaquera. Cabe lembrar que não se é contra processos de urbanização e melhorias urbanas, mas a pergunta a ser feita é: de fato são intervenções que visam à melhoria das condições urbanas para os atuais moradores ou são intervenções pontuais que reatualizarão os processos de expulsão e segregação socioespacial? (D'ANDREA, 2012).

O discurso neoliberal se faz hegemônico e vem suplantando uma realidade concreta que se quer invisibilizar. Dessa forma, em Itaquera, há a reafirmação da distribuição desigual de riqueza na sociedade por meio dos empreendimentos realizados no espaço urbano, sob a justificativa de um legado espacial ao bairro. Sob este discurso, que sustenta a realização do megaevento e garante o apoio das camadas populares, criou-se uma promessa de realização de uma imaginação dominada, um fetiche do tipo de vida que as pessoas querem, mas que na prática se difere do tipo de vida que elas realmente têm. Além disso, a construção da identidade nacional passa por várias mediações e, no caso do Brasil, essa fase intensa de tradições inventadas coincidiu com a rápida difusão do futebol no país (LOPES, 2014), de forma que se tornou oportuno mascarar as contradições da vida cotidiana em nome da realização de um evento voltado ao futebol e de envolvimento nacional.

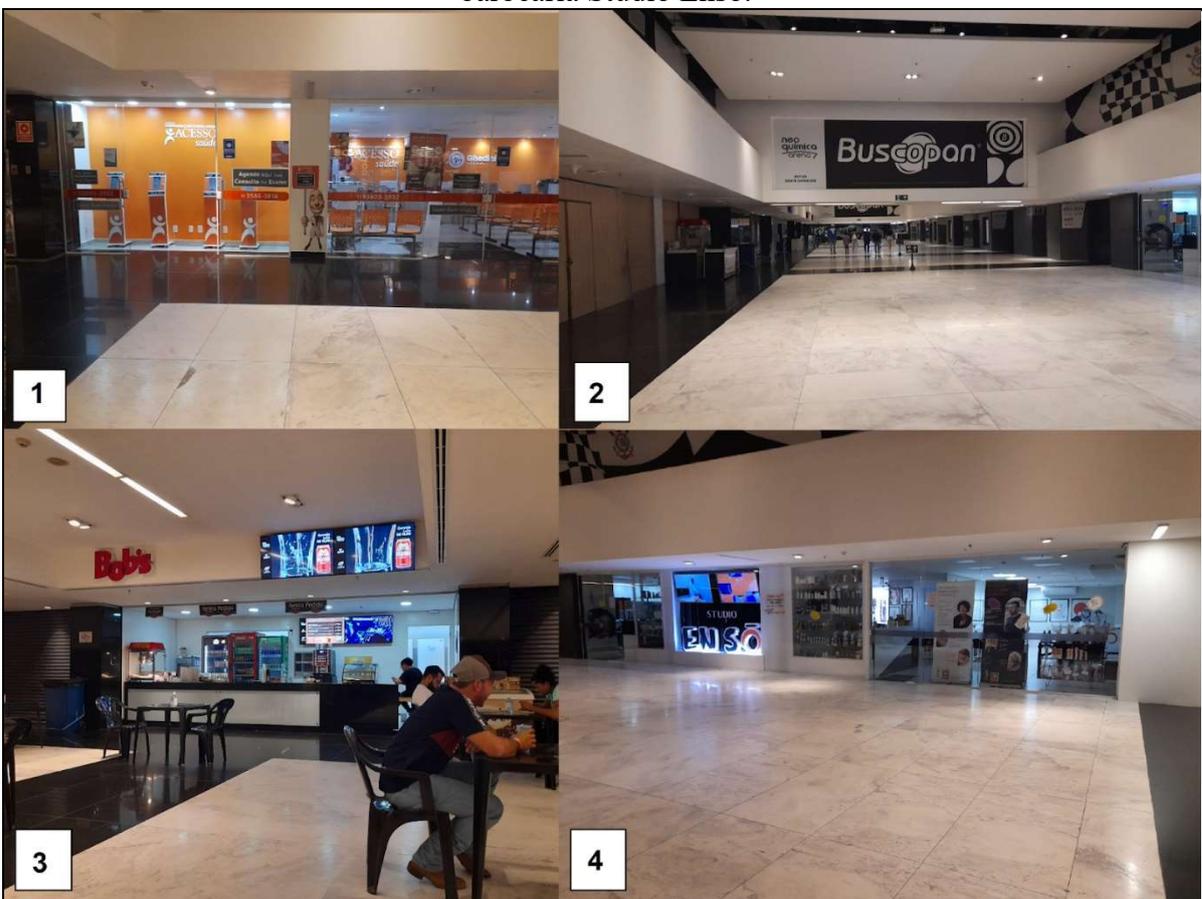
Mas por que o capital gosta tanto de esporte? Esta é a minha teoria. O esporte é tão velho quanto nós. É como treinamos para a caça e para a batalha. É uma de nossas formas de diversão. Para alguns, é parte do ritual de acasalamento... Quando assistimos a esportes, somos mais que meros espectadores. Quando Pelé fez o gol, fui eu que fiz o gol. [...] Quando estamos curtindo o esporte, estamos completamente abertos, vulneráveis. E é assim que o grande capital gosta que estejamos (JENNINGS, 2014, p. 55)



O estádio, se configura em Itaquera, como monumento representativo de uma história coletiva, muito ligada à classe trabalhadora corintiana, que por anos precisou deslocar-se para o outro lado da cidade para ver seu time jogar no Pacaembú. Ao mesmo tempo, sua construção perverte essa história, já que vira um monumento de consumo, um produto simbólico de uma Itaquera de classe média que nunca se verificou (D'ANDREA, 2012). Cabe refletir o quanto a população vai usufruir de um espaço elitista imposto em seu bairro e se a sociabilidade que o capital vai oferecer com o shopping, a privatização do espaço, o consumo, é de fato o que satisfaz as necessidades da classe trabalhadora. É a inserção via consumo que vai dispor que as pessoas da periferia possam potencializar suas capacidades humanas?

O estádio conta com um “mini *shopping center*” no seu interior, voltado para atender os visitantes que podem consumir diversos produtos antes e depois dos jogos e das visitas. Além do consumo direto de produtos, a arquitetura do estádio conta com inúmeras fachadas publicitárias, que levam ao consumidor aderir aquela marca inconscientemente (**Figura 1**).

Figura 1: Corredor de entrada da Neo Química Arena. (1) Agência da ACESSO Saúde Unidade Corinthians/ Neo Química Arena. (2) Propaganda do medicamento Buscopan, da empresa Neo Química. (3) Estabelecimento alimentício Bobs. (4) Salão de beleza e barbearia Studio Enso.



Fonte: Arquivo pessoal. 2022.



Segundo Leite (2015), um ano após a realização do megaevento, dos dez equipamentos previstos, além do estádio, apenas dois foram concluídos: as unidades da Faculdade de Tecnologia (FATEC) e Escola Técnica (ETEC), do governo do estado, e o Parque Linear do Rio Verde, da Prefeitura. Atualmente, pode-se observar que as obras do Senai estão quase finalizadas e o novo terminal de ônibus de Itaquera foi construído em frente a estação do metrô. A Unidade de Pronto-Atendimento (UPA) também projetada para ser concluída até o megaevento foi inaugurada em 2016, pelo então prefeito Fernando Haddad. Mesmo sendo inaugurada, pode-se perceber que ela ainda não havia sido finalizada, estando cercada por um terreno ainda sem asfalto e sem acabamento. Além disso, as obras viárias feitas antes da Copa para facilitar a ida ao estádio, como a Radial Leste, podem ser consideradas como benfeitorias físicas permanentes no bairro e região, mas, contraditoriamente, ocorreu a valorização imobiliária do bairro com o estádio e o consequente aumento do custo de vida dos moradores da região (RAMOS, 2017).

Do ponto de vista urbanístico, os investimentos na região novamente priorizarão a lógica individualista expressa nas vias para automóveis, fundamentalmente ligando o estádio ao aeroporto. Para além da propaganda, essas obras em nada resolverão os problemas estruturais do bairro. Itaquera, assim como toda a zona leste, precisa de mais linhas de metrô, mas isso não foi levado em consideração pelos governantes (D'ANDREA, 2012, não paginado).

Como coloca Rolnik (2012), a contradição das obras realizadas em prol da Copa do Mundo e que deveriam permanecer como impacto positivo à população que perdura no local após o tsunami gerado pelo megaevento, se dá na medida em que as transformações urbanas não são pensadas a partir das demandas locais, como por exemplo, as demandas de mobilidade e transporte coletivo, mas se usou da Copa para a implementação desta estratégia. A consequência disso é que ao invés de dar prioridade máxima às regiões onde se concentram maiores parcelas da população que dependem do transporte coletivo, definem-se a localização dos equipamentos relacionados ao megaevento, como estádio, aeroporto e hotelaria e as obras vão fazer ligações entre estes locais, podendo ser ou não percursos que impactam a vida da população trabalhadora local de forma positiva.

Outro exemplo de como as obras foram pensadas apenas para o breve momento do evento e não como legados espaciais para a população é o acesso da estação de metrô. Antes da Copa do Mundo FIFA 2014 a estação Corinthians-Itaquera possuía uma passarela suspensa e descoberta que fazia ligação entre a estação e a Radial Leste sentido bairro, de modo que a população atravessava sem correr riscos entre os automóveis que circulavam. Para o megaevento, essa passarela foi reformada, de forma que passou a ser coberta e a dar acesso direto à Neo Química Arena. Além disso, outra passarela também foi construída ligando a



estação Artur Alvim ao estádio (**Figura 2**). A partir da Copa do Mundo a passarela que liga as estações ao estádio passou a ser de acesso restrito, de modo que só abre em dias de jogos. Dessa forma, a população trabalhadora que necessita sair da estação Corinthians-Itaquera e atravessar a Radial Leste em direção ao ponto de ônibus é obrigada a fazer a travessia por baixo e com menos segurança, pela avenida.

Figura 2: Construção das passarelas de ligação entre as estações de metrô e o estádio



Fonte: Google Earth, 2014. *Org.:* da autora.

Do ponto de vista imobiliário, as obras da Copa tiveram grande impacto sobre a região, que começou a se tornar uma aposta para as incorporadoras. Segundo Nobre (2016), os dados do mercado imobiliário levantados pela EMBRAESP mostram o crescimento no número de unidades residenciais verticais e um crescimento do Valor Geral de Vendas (VGV) dos lançamentos imobiliários, muito superiores à média da subprefeitura do município. A **Figura 3** demonstra o processo de verticalização em curso que o bairro de Itaquera está passando. As construções de prédios e os valores a eles associados estabelecem relação direta com o monumento do estádio, de forma que os prédios mais próximos à região do estádio e do metrô são mais valorizados e os apartamentos que dão vista para o estádio valem mais.

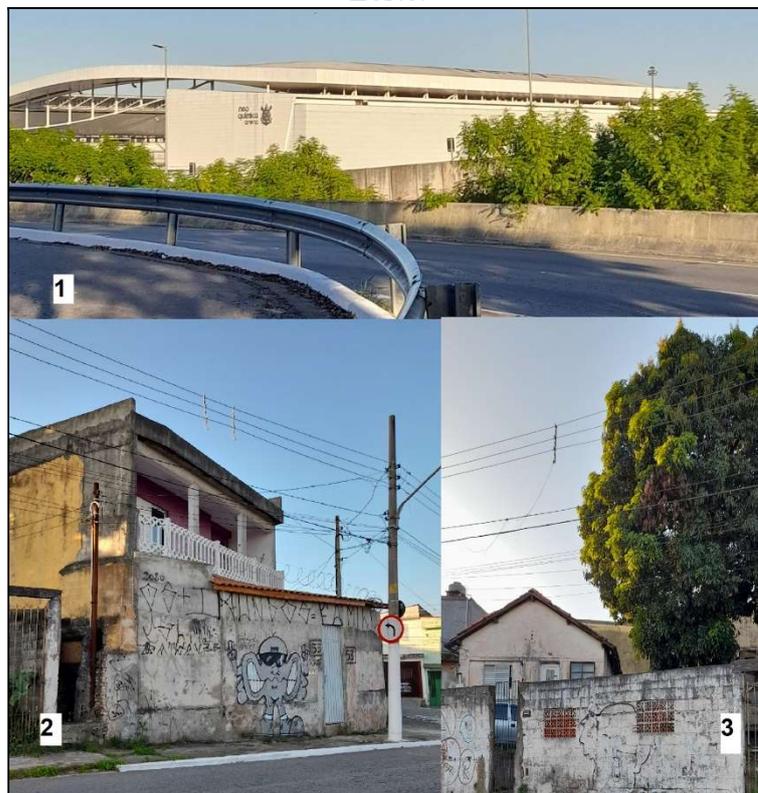
Figura 3: Verticalização em Itaquera.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

A produção do espaço e a materialização das contradições sociais não omitem a segregação socioespacial produzida pela realização do megaevento. A **Figura 4** mostra de um lado da Radial Leste o esplêndido e monumental estádio construído e financiado por meio de cofres públicos e PPPs e, do outro, casas residenciais humildes e de classe média baixa.

Figura 4: Neo Química Arena (1) e casas residenciais (2 e 3) do outro lado da Radial Leste.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Ao que parece, o principal legado deixado pela Copa do Mundo FIFA 2014 em Itaquerá é a abertura e o impulso para um novo ciclo de produção e gestão da cidade, reforçando grandes projetos urbanos segmentados, fortemente balizados por corporações empresariais, que buscam

cada vez menos atender às necessidades da população local, na produção de um espaço e de uma identidade falsa. Assim, “desencadeia-se uma lógica de evocação que mais funciona como uma anti memória coletiva que esconde as marcas do tempo, reprime as metamorfoses do espaço e acarreta uma redução ao idêntico” (SÁNCHEZ E MOURA, 1999, p. 108).

Considera-se que

os incentivos fiscais dados pelo Governo Municipal, na ordem de R\$ 420 milhões, para a construção do estádio correspondem a uma grande renúncia fiscal, que poderia ter sido direcionada para a atração de outras atividades econômicas com maior poder de geração de empregos ou na implementação de infraestrutura ou equipamentos públicos na região (NOBRE, 2016, p. 381).

Em 2010, surge a ANCOP como uma organização civil de caráter denunciante do projeto elitista excludente que estava em pauta sobre as cidades-sedes da Copa do Mundo. A crítica feita pela ANCOP se orientava a apontar a descaracterização e a negação do direito à cidade em nome de projetos a favor do capital, fazendo clara oposição às construtoras que enriqueceram por meio da especulação imobiliária, isenção de impostos e da mídia, que teve papel importante ao se alinhar aos interesses do capital e não fomentar discussões em relação às violações de direitos humanos e da formação do estado de exceção (MARANGONI, 2017). Em um de seus dossiês, a ANCOP retrata muito bem a situação em que se encontra a população de Itaquera frente aos projetos urbanísticos vigentes na época. A exemplificação feita pelo documento é essencial para que se pense o tipo de legado deixado por situações tão conflituosas entre os interesses capitalistas e populações de baixa renda.

Em São Paulo, um plano alternativo mudou os rumos de uma comunidade ao lado do Itaquerão. Localizada em Itaquera, região leste, a Comunidade da Paz ocupa um terreno de propriedade pública, pertencente à Companhia de Habitação de São Paulo – COHAB-SP. A comunidade é constituída por aproximadamente 370 famílias, segundo levantamento cadastral realizado pela Prefeitura em setembro de 2013. Essa área está ocupada pelos moradores há pelo menos 20 anos, constituindo-se em precárias moradias de população de baixa renda. A comunidade está a cerca de 1 km do metrô Itaquera e do estádio que sediou os jogos da Copa do Mundo de 2014 em São Paulo. Além do estádio, nos últimos anos o poder público vem dando incentivos fiscais para empresas se localizarem na região e implementando diversos projetos, dentre os quais, destacam-se a criação de um Pólo Institucional no entorno do metrô e do estádio, um parque linear e a Operação Urbana Jacu-Pêssego. Além disso, também foram implementados equipamentos comerciais como shoppings, hipermercados e grandes redes de magazine na região. O distrito de Itaquera, e particularmente o entorno do terminal de metrô, é exemplar desse novo contexto. Apesar do discurso de que estes investimentos trariam desenvolvimento da zona leste, o que se viu foi um intenso processo de valorização imobiliária que inviabiliza a permanência das famílias mais pobres na região e as obriga a migrar para regiões “mais baratas”, ou seja, mais distantes, desprovidos de infraestrutura, equipamentos e serviços públicos e privados em geral. Além desse processo de expulsão pelo mercado, chamado “remoção branca”, há outras formas mais ostensivas de expulsão. As favelas da região, especialmente a Favela da Paz, passaram a sofrer ameaças de remoção. Essas comunidades representam uma espécie de empecilho para o “desenvolvimento”, “enfeiam” a paisagem e, sob a ótica do mercado, desvalorizam a região e prejudicam o sucesso dos futuros empreendimentos. (ANCOP, 2014, p. 29).

Desse modo, ao estimular a reinvenção da cidade e sua inserção mundial por meio dos megaeventos e de grandes projetos urbanos contribui-se para potencializar a desigualdade já existente na cidade, de modo que as receitas públicas e as políticas sociais ficam diretamente comprometidas (SÁNCHEZ, 2012). Deve-se compreender que as cidades exemplificam distintas combinações do neoliberalismo e distintas combinações de opulência para alguns e profunda pobreza para todos os outros. Está em pauta uma clara e irredutível oposição entre a eficiência econômica e a eficácia social (VAINER, 2011).

(...) este projeto de cidade implica a direta e imediata apropriação da cidade por interesses empresariais globalizados e depende, em grande medida, do banimento da política e da eliminação do conflito e das condições de exercício da cidadania. Subjacente ao exercício analítico está a intenção de discutir se, e até que ponto, é aceitável a postulação dos propugnadores do planejamento estratégico urbano de que sua adoção seria o único meio eficaz para fazer frente às novas condições impostas pela globalização às cidades e aos poderes locais (VAINER, 2011, p. 78)

Assim, se por um lado Itaquera é concebida enquanto sede da abertura da Copa do Mundo e palco internacional do futebol, por outro, está permeada de subversão, vida social e luta. Portanto, é também lugar da prática social, reprodução da vida e da articulação entre as relações sociais e a materialidade da cidade.

Durante o trabalho de campo, foi possível conversar com alguns moradores e questioná-los sobre sua percepção da realização do megaevento em seu bairro. As principais melhorias para a população local parecem ter sido na área de mobilidade urbana, ainda que tenha sido relatado que a prioridade das obras se voltou à locomoção por meio de automóveis. Além disso, muitos moradores pontuaram que a realização da Copa trouxe consigo investimentos para o Pólo Institucional Itaquera, como já citado, envolvendo a construção de equipamentos de saúde e educação. As alterações na rotina da população, as modificações dos acessos exclusivos ao estádio e a falta de benefícios a longo prazo fortalecem a percepção de que a realização do megaevento não se voltou para a população local ou para a real efetivação de um legado para a região, mas sim ao capital especulativo e ao empresariamento urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que nos parece, o que se tem em Itaquera é a continuidade da presença seletiva de investimentos e ausência do Estado. Dessa forma, os megaeventos não parecem possuir qualquer elemento que contribua no processo de emancipação política dos trabalhadores (PENNA, 2013) sendo principais instrumentos da continuidade de um modelo neoliberal de

produção das cidades, que nega o passado de lutas que produziram o espaço e submete a população a trabalhos cada vez mais precarizados.

A realização da Copa do Mundo aprofunda uma hierarquização entre os fragmentos espaciais de Itaquera e entre Itaquera e o restante da cidade, de forma que a alguns lugares são atribuídos mais valor que outros. Itaquera se encontra num contexto de precarização dos equipamentos públicos essenciais à vida cotidiana, como sucateamento de escolas e dos equipamentos de saúde e mobilidade urbana comprometida com a alta demanda da região. Embora seja lugar de precariedade econômica, é também lugar de complexidade cultural e de produção de um espaço diverso e marcado pelas vivências de cada habitante.

REFERÊNCIAS

ANCOP. Dossiê: **Megaeventos e violações dos direitos no Brasil: articulação nacional dos Comitês Populares da Copa e Olimpíadas**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://br.boell.org/sites/default/files/ancop_dossie2014_web_bollbrasil.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

AZEVEDO, A. E. de. **Subúrbios orientais de São Paulo**. Tese de Concurso à Cadeira de Geografia do Brasil. São Paulo, FFCL/USP, 1945.

CURI, M. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, n. 40, p. 65-88, 2013.

DAMIANI, A. L. Cidade (des) ordenada: concepção e cotidiano do conjunto habitacional Itaquera i. 1993. **Tese (Doutorado)** - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

D'ANDREA, T. P. Itaquera, muito além da Copa do Mundo. **Le Monde Diplomatique Brasil**, v. 57, 2012.

D'ANDREA, T. P. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-18062013-095304. Acesso em: 2022-07-31.

FERREIRA, J. S. W. Um teatro milionário. In: JENNINGS, A. *et al.* **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?**. Boitempo Editorial, 2014.

FRONCILLO, A. V.; ALMEIDA, M. AB. Análises sociais do impacto da construção do estádio do Corinthians para Itaquera. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v. 18, n. 179, p. 1-1, 2013.

GEISE, C. ST2-1068 Discurso e ideologia no planejamento urbano estratégico: Zona Leste e a Copa do Mundo em Itaquera como estudo de caso. **Anais ENANPUR**, v. 15, n. 1, 2013.

HALL, C. M. Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. In: HORNE, J; MANZENREITER, W. (Ed.). **Sports Mega-Events: social scientific analyses of**



a global phenomenon. (Special Issue: The Sociological Review Monograph Series) V. 54, Issue Supplement 2, December 2006. p. 59-70

JENNINGS, A. A máfia dos esportes e o capitalismo global. In: JENNINGS, A. *et al.* **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas**, 2014, p. 51-56.

LEITE, F. Legado da Copa em Itaquera fica no papel. **EstadãoOnline**. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,legado-da-copa-em-itaquera-fica-no-papel,1704728>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

LOPES, J. S. L. Transformações na identidade nacional construída através do futebol: lições de duas derrotas históricas. In: JENNINGS, A. *et al.* **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas**, 2014, p. 41-50.

MARANGONI, C. S. O saldo da Copa do Mundo: os impactos sociais da renovação urbana em Itaquera-São Paulo. 2017. **Dissertação de Mestrado (Geografia Humana)**, UNESP/Franca, SP. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/150893>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MARICATO, E. A Copa do Mundo no Brasil: tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana. In: JENNINGS, A. *et al.* **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas**, 2014, p. 17-24.

MATIAS, M. (Ed.). **Planejamento, Organização e sustentabilidade em eventos: Culturais, sociais e esportivos**. Editora Manole, 2011.

NOBRE, E. A. C. Megaeventos esportivos e desenvolvimento local: os impactos da copa do mundo da FIFA de 2014 na Zona Leste de São Paulo. In: VAINER, C. *et al.* **Os megaeventos e a cidade: perspectivas críticas**, 2016, p. 360-388.

OLIVEIRA, F. V. de. Urbanização e formação socioespacial da Zona Leste da cidade de São Paulo: Aspectos históricos e forma urbana. **Arq.urb.**, [S.I.], n. 17, p. 4-21, 2016.

PENNA, A. Megaeventos esportivos no Brasil: raias abertas para a corrida do capital. **O Social em Questão**, n. 29, p. 209-234, 2013.

PREUSS, H. The conceptualisation and measurement of mega sport event legacies. **Journal of sport & tourism**, v. 12, n. 3-4, p. 207-228, 2007.

RAMOS, S. da R. A Copa do Mundo FIFA 2014 e as transformações espaciais em Itaquera - São Paulo/SP. 2017. **(Seminário)**. In: ALVES, Suely Rodrigues. II Seminário Internacional América Latina: Políticas e conflitos contemporâneos, p. 3797-3811, 2017.

RAMOS, S. da R. Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil: da regulação do território às ações voltadas ao turismo. 2019. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo.

ROLNIK, R. Coisas nada civilizadas ocorrem quando um país prepara um megaevento. **Entrevista. Revista Adusp**, São Paulo, SP, n. 52, 2012. p. 06-13. Disponível em: <<https://www.adusp.org.br/index.php/revista-adusp/1430-revista-n-52-abril-de-2012>>. Acesso em: 04 mai. 2022.

SÃO PAULO (CIDADE). Polo Institucional Itaquera: diretrizes de projeto urbanístico. **Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano**. São Paulo. 2012.



SÁNCHEZ, F.; MOURA, R. Cidades-modelo: espelhos de virtude ou reprodução do mesmo. **Cadernos Ippur**, v. 13, n. 2, p. 95-114, 1999.

SÁNCHEZ, F. A “cidade olímpica” e sua [in]sustentabilidade. **Le Monde Diplomatique Brasil**, v. 58, 2012.

TAVARES, O. Megaeventos esportivos. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 17, n. 3, p. 11-35, 2011.

TOLEDO, R. M.; GRIX, J.; BEGA, M. T. S. Megaeventos esportivos e seus legados: uma análise dos efeitos institucionais da eleição do Brasil como país-sede. **Revista de Sociologia e Política**, v. 23, p. 21-44, 2015.

VAINER, C. B. Cidade de Exceção: Reflexões a Partir do Rio de Janeiro. Anais do XIV Encontro Nacional da Associação Nacional de Planejamento Urbano (**ANPUR**), vol. 14, 2011.

VAINER, C. B. Como serão nossas cidades após a Copa e as Olimpíadas?. In: JENNINGS, A. *et al.* **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?**. Boitempo Editorial, 2014.